



SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA: HISTÓRIA, PROJETOS E DIREÇÃO ÉTICO-POLÍTICA

Laurinete Silva*

<https://orcid.org/0000-0002-2973-7220>

Luciana Cantalice (in memoriam)**

<https://orcid.org/0000-0003-1935-8179>

Tatiana Brettas***

<https://orcid.org/0000-0003-0300-8254>

Thaísa Closs****

<https://orcid.org/0000-0003-2602-883X>

* Assistente Social. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil). Professora do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Estadual de Roraima (UERR, Roraima, Brasil). Líder do Grupo de Pesquisa e Extensão em Serviço Social e Políticas Públicas (GPESSPP). Integrante do Comitê Editorial da *Temporalis*. E-mail: laurinetesilva@gmail.com.

** Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil). Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB, João Pessoa, Brasil) e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Natal, Brasil). Integrante do Comitê Editorial da *Temporalis*. E-mail: lucianabocantalice@gmail.com.

*** Assistente Social e Economista. Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil). Professora do Departamento de Políticas Sociais e Serviço Social Aplicado e do Programa de Pós-Graduação em Social e Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil). Líder do Laboratório de estudos Capitalismo dependente e questão social no Brasil (Lecad). Integrante do Comitê Editorial da *Temporalis*. E-mail: tatiana.brettas@gmail.com.

**** Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, Brasil). Prof. do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, Brasil). Líder do Grupo de Estudos sobre Ensino, Fundamentos e Memória do Serviço Social (GEFEMSS). Pesquisadora PQ2/CNPq. Integrante do Comitê Editorial da *Temporalis*. E-mail: thaisacloss@hotmail.com.

DOI 10.22422/temporalis.2022v22n44p7-17



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2022 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar (...).
 Cada cual con sus trabajos, con sus sueños, cada cual.
 Con la esperanza adelante, con los recuerdos detrás (...)
 Gente de mano caliente por eso de la amistad (...),
 Con un horizonte abierto que siempre está más allá.
 Y esa fuerza pa buscarlo con tesón y voluntad (...).
 Y así nos reconocemos por el lejano mirar,
 por la copla que mordemos, semilla de inmensidad.
 Y así, seguimos andando curtidos de soledad.
 Y en nosotros nuestros muertos pa que nadie quede atrás.
 Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar,
 y una novia muy hermosa que se llama ¡Libertad!
Los Hermanos
Atahualpa Yupanqui

Com a canção de Yupanqui - em seus acordes que ressoam memórias, sentimentos de irmandade e caminhos semeados nas lutas por liberdade e democracia em nosso continente - prestamos nossa homenagem às gerações de assistentes sociais latino-americanos(as) que ousam resistir e construir novos rumos para a profissão, a partir dos vínculos tecidos com organizações e movimentos das classes trabalhadoras, trilhando caminhos de unidade na diversidade.

Para situarmos o Serviço Social na história é fundamental recuperarmos a memória como força viva que se repõe no presente, iluminando projeções profissionais enraizadas nas particularidades de Nossa América (IAMAMOTO; SANTOS, 2021): capturar as transformações da profissão na divisão sociotécnica do trabalho, no movimento contraditório da sociedade, em seu vínculo com a questão social. Ou seja, tal angulação, forjada a partir da interlocução madura com a teoria social marxista, privilegia a centralidade da história como eixo explicativo heurístico. Como destaca Iamamoto (2014, p. 621-622),

A compreensão acerca dos fundamentos do Serviço Social é informada pela perspectiva da totalidade histórica. Parte do pressuposto de que a história da sociedade é o terreno privilegiado para apreensão das particularidades do Serviço Social: do seu modo de atuar e de pensar incorporados ao longo de seu desenvolvimento. (...) Decifrar essa especialização do trabalho supõe, nesse sentido, elucidar os processos sociais que geram a sua necessidade social, o significado de suas ações no campo das relações de poder econômico e político — das relações entre as classes e destas com o Estado —, assim como a inscrição do Serviço Social no debate teórico e cultural de seu tempo. Portanto, situar o Serviço Social na história é distinto de uma história do Serviço Social reduzida aos muros da profissão.

Inspirada nessa concepção histórico-crítica dos fundamentos profissionais, a 44ª edição da *Temporalis* privilegia o debate do Serviço Social na América Latina, fomentando a divulgação de ensaios e pesquisas sobre as tendências históricas e atuais da profissão. Ao estimular essa reflexão, a gestão Aqui se Respira Luta! (2021-2022) e o comitê editorial ensinam contribuir para o fortalecimento de análises sobre as particularidades nacionais

do Serviço Social bem como sobre a unidade na diversidade latino-americana, no horizonte da construção de projetos societários e profissionais no enfrentamento das desigualdades e opressões sociais. Processo que se soma às ações empreendidas pela gestão no âmbito da sua política de relações internacionais, dentre as quais destacamos: a articulação com a Associação Latino-americana de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ALAEITS) e a Associação Mundial de Escolas de Serviço Social (AIETS-IASSW), o lançamento da edição trilingue comemorativa dos 25 anos das Diretrizes Curriculares da ABEPSS e da versão do documentário sobre os 75 anos da ABEPSS com legendas em espanhol, promovendo o debate amplo acerca do projeto formativo construído no Brasil.

Na proximidade do centenário do Serviço Social no continente – considerando a constituição da primeira escola em 1925 no Chile – é importante situar a profissão e os desafios na atualidade sob o prisma histórico das conquistas legadas pela articulação profissional latino-americana, que engendraram novas bases para os fundamentos, a formação e o exercício profissional, marcadamente na construção e hegemonia do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro.

Na quadra histórica das últimas quatro décadas, marca inegável de inflexão no âmbito da profissão, reside no Movimento de Reconceituação Latino-Americano (MRLA). Esse movimento, cujo estudo foi alvo de inovadora e ampla pesquisa internacional em rede (IAMAMOTO; SANTOS, 2022, 2021), representou um marco na aproximação da profissão com as lutas e movimentos sociais vinculados à defesa dos direitos e projetos societários das classes subalternas. Como parte dessa construção coletiva, no período de 1965 a 1975 foi promovida uma ampla articulação profissional via seminários desenvolvidos em diferentes países. Destacamos também a criação da Associação Latino-Americana de Escolas de Trabalho Social (ALAETS) em 1965 e do Centro Latino-Americano de Trabalho Social (CELATS) em 1974.

Essa ampla e inédita articulação profissional situa-se no contexto histórico da hegemonia estadunidense sob o pano de fundo da Guerra Fria – em seu apoio e financiamento aos golpes e ditaduras na América Latina. Face às desigualdades que constituem a formação sócio-histórica de Nossa América, agravadas pelos impactos da crise estrutural do capital após suas três décadas de ouro, são alimentados significativos movimentos de resistência e de contestação que apontam para o horizonte da emancipação do continente (IAMAMOTO; SANTOS, 2021). Movimentos no âmbito da juventude estudantil, nos diferentes segmentos da classe trabalhadora, nos setores progressistas da Igreja Católica, na constituição de organizações de esquerda alimentadas pelo ideário da Revolução Cubana e, ainda, pela influência dos partidos comunistas da União Soviética e da República Popular da China. Os mesmos também se inserem no quadro mais amplo da onda contestatória global, cujo ano de 1968 foi um marco: nos Estados Unidos, com as lutas antirracistas, feministas e pacifistas contra a Guerra do Vietnã; na Europa, nos amplos protestos estudantis iniciados na França, que se estendem para outros países, com destaque para a Primavera de Praga, as lutas anticoloniais e contra os regimes franquista e salazarista em Espanha e Portugal.

É esse “chão” sócio-histórico que possibilitou à profissão a primeira aproximação ao marxismo. Um universo cultural e político até então estranho à história do Serviço Social, que caminhou pelos condutos da militância política, via a incidência de manuais de divulgação do marxismo-leninismo, de textos maoístas, do estruturalismo francês de Althusser e de elaborações oriundas da teoria da dependência (IAMAMOTO, 2018). A essas frágeis bases de interlocução com marxismo - características desse momento histórico -, articularam-se ainda elementos das teorias desenvolvimentistas, da teologia da libertação e do pensamento de Paulo Freire, conformando uma base teórica e metodológica eclética (IAMAMOTO; SANTOS, 2021). Não obstante as limitações teórico-metodológicas que sustentaram o MRLA, destacamos as diversas experiências formativas de cunho crítico desenvolvidas pelas unidades de ensino via a articulação com movimentos sociais, redimensionando projetos de formação e práticas de estágio.

Ao recuperarmos o marco histórico do MRLA em sua ousadia e resistência profissional nos duros anos do ciclo ditatorial das décadas de 1960-1970, ressaltamos como desafio coletivo a ampliação de investigações de cunho histórico sobre o Serviço Social, juntamente com a construção de uma política de memória e documentação histórica integrada entre entidades e unidades formadoras. Tais esforços são essenciais em tempos de presenteísmo, de avanço do conservadorismo, de silenciamento e de negação da memória. Atribuir visibilidade às lutas profissionais na relação com as forças vivas da história, em suas disputas de projetos societários e profissionais, é essencial para qualificar a formação e o trabalho profissional. Como sintetizam Iamamoto e Santos (2021, p. 27-28), se trata de “rever o passado para iluminar o presente, elucidando as constelações que ligam presente e passado”, tendo em vista “compreender tanto o passado recente quanto o ineditismo das atuais condições históricas e para recriar a práxis de enfrentamento a esses tempos de regressão conservadora, contribuindo para formas de resistência política”.

A partir dessa chave, ressaltamos que o legado do MRLA é constitutivo da identidade do Serviço Social latino-americano e possui um vínculo genético com o projeto ético-político profissional no Brasil. Logo, darmos visibilidade e recuperarmos o mesmo é fundamental, considerando que este legado se expressa em diferentes dimensões, como sintetizam Iamamoto e Santos (2021, p. 46): na valorização da unidade latino-americana; no fortalecimento de instâncias organizativas de assistentes sociais; nos processos de revisão crítica dos projetos formativos; no reconhecimento da dimensão política do Serviço Social; no debate com as Ciências Sociais e, especialmente com a tradição marxista; no impulso para as investigações e valorização da dimensão intelectual do(a) assistente social; na superação do senso comum na construção da fundamentação da profissão em suas relações mais amplas com a sociedade; na recusa ao assistencialismo e abordagens naturalizadoras e moralizantes; no reconhecimento de competências e atribuições do(a) assistente social no âmbito das políticas sociais.

Nessa direção, outro desafio consiste justamente em desvendar o legado e desdobramentos do MRLA na construção de perspectivas profissionais críticas nos diferentes países, como uma pauta na agenda de pesquisa da área, seja no sentido de

apreender as particularidades nacionais como também os traços comuns do Serviço Social no continente.

Esse desvendamento requer, como aponta Iamamoto (2019a), reconhecer a unidade na diversidade, considerando as particularidades da formação sócio-histórica de cada país e da institucionalização e desenvolvimento acadêmico-profissional. Diversidade que se expressa também no amplo contingente de assistentes sociais no continente, que totaliza mais de 200 mil profissionais, quando considerados os dados do CFESS (2022) e da International Federation of Social Workers (IFSW)¹ referente às 20 associações nacionais de países da América Latina e Caribe. Portanto,

Reconhecer essa diversidade conclama o debate plural respeitoso e de enriquecimento coletivo para enfrentar desafios comuns: o aperfeiçoamento acadêmico e ético-político da formação e do exercício profissionais; o reconhecimento do Serviço Social como área de conhecimento pela comunidade científica; a ampliação das bases de legitimação social da profissão junto aos demais profissionais e ao público dos serviços prestados; a expansão dos espaços ocupacionais de assistentes sociais e os seus compromissos éticos com valores que dignificam o gênero humano. (IAMAMOTO, 2019a, p. 15-16).

No âmbito do Brasil - de forma integrada aos rumos do MRLA e em intercâmbio com a experiência das escolas chilenas - destacamos o pioneiro projeto formativo desenvolvido na Universidade Católica de Belo Horizonte, por um jovem grupo de docentes sob a direção de Leila Lima Santos e Consuelo Quiroga, polo de resistência diante das tendências modernizadoras predominantes no país, na perspectiva de romper com o tradicionalismo profissional. Embora conhecida pela formulação do chamado “Método BH”, tratou-se de um projeto formativo abrangente e inovador, articulando a reestruturação do currículo com a reorganização dos estágios e a realização de projetos de extensão, em diálogo com docentes de outras áreas de conhecimento e na relação com movimentos operários e urbanos, subsidiando inclusive, os debates posteriores sobre as mudanças curriculares nos anos 1980 e 1990 (BATISTONI, 2017, 2021).

Ainda em termos dos desdobramentos do MRLA no Serviço Social brasileiro, cabe situar o impulso do CELATS na transição dos anos 1970 a 1980, tendo em vista que o mesmo assentou “as bases de um Serviço Social maduro na sua profissionalidade e dotado de solidez intelectual, tal como se mostra vivo na atualidade” (IAMAMOTO; SANTOS, 2021, p. 47). Como analisam Iamamoto, Raichelis e Bravo (2021, p.220), o mesmo foi criado como um organismo acadêmico da ALAETS e, no seu projeto fundador – entre 1974 a 1984, sob coordenação de Leila Lima Santos –, impulsionou investigações que possibilitaram a crítica teórica e política dos dilemas e limites do MRLA, superando e ao mesmo tempo preservando as suas conquistas, inscrevendo a “análise do Serviço Social no âmbito das relações entre as classes – voltado para o conjunto dos segmentos trabalhadores e para as suas lutas – e destas com o Estado, mediatizadas majoritariamente pelas políticas sociais públicas”.

¹ Disponível em <https://www.ifsw.org/regions/lac/members/>

Ao recuperar a trajetória do CELATS, ressaltamos o pioneirismo e atualidade de seus eixos de pesquisa face aos desafios da profissão na atualidade do continente, dentre os quais: a classe trabalhadora nas realidades nacionais, em seus diferentes segmentos (operários, camponeses, indígenas, favelados); o perfil de assistentes sociais, dos espaços de trabalho, das tendências de formação acadêmica e da organização político-profissional; a análise histórica totalizante da profissão no continente; a análise sobre as relações entre Estado, política social e profissão. Dentre as diversas pesquisas e publicações desenvolvidas pelo CELATS, bem como ações de capacitação continuada, destacam-se: a revista *Acción Crítica*, cujo acervo é representativo do processo de crítica, preservação de conquistas e superação dos limites do MRLA; a investigação sobre *Historia del Trabajo Social*, a qual tem como um de seus produtos o livro *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* (IAMAMOTO, CARVALHO, 2012); e o Primeiro Encontro Nacional de Capacitação Continuada realizado em agosto de 1979, considerando a importância do mesmo na articulação da virada do III CBAS.

Além disso, no presente ano, em que a obra *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* completa 40 anos, a gestão Aqui se Respira Luta! (2021-2022) e o comitê editorial da *Temporalis* reforçam a homenagem realizada na oportunidade do XVIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Serviço Social (ENPESS), destacando seu pioneirismo e atualidade na análise do significado sócio-histórico da profissão. Sua vitalidade e densidade residem na inédita pesquisa histórico-crítica sobre a profissão no Brasil, bem como na precisa e qualificada interlocução com a obra marxiana - com destaque para a teoria do valor, permitindo elucidar a dimensão contrária da profissão face às classes sociais, no processo de reprodução das relações sociais (IAMAMOTO, CARVALHO, 2011). Essa obra é representativa e inscreve-se no contexto da segunda aproximação da profissão com o marxismo, na qual se estabelece tanto uma relação de continuidade como de superação com o legado do MRLA. Superação no sentido da ultrapassagem de suas limitações teórico-metodológicas e continuidade que preserva a crítica ao conservadorismo profissional e à vulgarização marxista, valorizando a obra de Marx na análise da sociedade e da profissão.

À luz desses processos, ressaltamos os fios históricos da construção do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro em suas raízes com o MRLA, nos acúmulos via CELATS e nas articulações no bojo da reinserção e lutas da classe trabalhadora na cena política no contexto da crise da ditadura no Brasil e na reconstrução democrática, especialmente a partir de 1979. Nesse processo, temos como desafio superar “uma visão mágica” do significado do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, que vem sendo difundida no senso comum, pois o mesmo explica-se pela historicidade sociopolítica profissional que possibilita que ele seja um marco na recusa do conservadorismo (IAMAMOTO, 2019b). Os desdobramentos do III CBAS são notórios e amplamente conhecidos. O fortalecimento do protagonismo da categoria de assistentes sociais no bojo das lutas sociais nas últimas décadas possibilitou engendrar um rico e amplo patrimônio intelectual, político e prático que particulariza o Serviço Social brasileiro em termos mundiais, transformando a identidade, a formação e o trabalho profissional, a produção de conhecimento e organização político-profissional. Como nos lembra Iamamoto (2014, p. 613), o núcleo desse patrimônio é a compreensão da “história a partir das classes sociais e suas lutas, da centralidade do trabalho e dos trabalhadores. Patrimônio alimentado teoricamente pela

tradição marxista – no diálogo com outras matrizes analíticas – e politicamente pela aproximação das forças vivas que movem a história; as lutas e movimentos sociais”.

Na construção desse volume, além do recebimento de submissões no fluxo regular da revista, o comitê editorial contou com a participação de convidados(as) com acúmulo na área temática em debate. Agradecemos a gentileza das(os) autoras(es) que responderam prontamente ao nosso convite: Marilda Villela Iamamoto, Morena Gomes Marques Soares, Maria Zelma de Araújo Madeira, Sergio Andrés Quintero Londoño e Cristiana Costa Lima.

A seção temática da edição nº 44 inicia com o artigo de Marilda Villela Iamamoto, cujo título “*Nas trilhas coletivas da resistência: Serviço Social e lutas sociais na América Latina*” nos direciona a uma análise da trajetória da profissão na história recente em Nuestra América, destacando, sobretudo, nossos vínculos com os projetos sociais das classes subalternas no Brasil e os desafios ao Serviço Social na atualidade. O debate da intrínseca relação do Serviço Social latino-americano com as lutas e movimentos sociais da classe trabalhadora foi reforçado pelas contribuições de Morena Gomes Marques Soares, com o texto “*América Latina, resistências e a interface com o Serviço Social*” e de Maria Clariça Ribeiro Guimarães, com o artigo “*Movimentos e lutas sociais na formação contemporânea em Serviço Social*”.

Na sequência, o artigo “*Avanços e desafios do debate sobre a questão racial no Serviço Social*”, de Maria Zelma de Araújo Madeira, chama atenção para a necessidade do debate crítico e propositivo acerca das relações étnico-raciais na formação, exercício profissional, organização político-profissional e na produção do conhecimento em Serviço Social no Brasil.

A discussão das especificidades da profissão na história de diferentes países do continente é apresentada especialmente por Renata Martins de Freitas, no artigo “*Serviço Social e Reconceituação: interlocuções entre Brasil e Chile*”; por Maria Jimena Quintero Bravo, no texto “*A história do Serviço Social uruguaio: nexos entre profissão, Estado e capital*”; por Sergio Andrés Quintero Londoño, Edna Fernanda Osorio Henao e Carolina Lopez Giraldo, que assinam o artigo “*Condiciones laborales de trabajadoras/es sociales en Colômbia*” e por Mably Jane Trindade Tenenblat, com o título “*O legado do Movimento de Reconceituação latino-americano para o Serviço Social brasileiro*”.

Em seguida apresentamos as contribuições de autores(as) que instigam a reflexão das particularidades e influências teóricas da produção de conhecimento em Serviço Social, especialmente a brasileira. São os artigos de Joana Valente Santana e Leonardo Costa Miranda, com o título “*Produção de conhecimento no Serviço Social brasileiro: resistências do pensamento crítico e dialético*”; de Carina Berta Moljo e Thaíse Seixas Peixoto de Carvalho, denominado “*Tendências teórico-metodológicas presentes no debate do serviço social brasileiro*” e de Silmara Carneiro e Silva e Olegna de Souza Guedes, intitulado “*A dimensão ético-política do Serviço Social à luz da perspectiva gramsciana: contribuições a partir da filosofia da práxis*”.

Prosseguindo com o debate temático desta edição, os artigos: “Covid-19 e Pós- Graduação: desafios contemporâneos para a construção do conhecimento” de Rafael Gonçalves dos Santos, Dayane Aparecida Borges Caravieri Moraes, Maria Cristina Piana; “Desafios da formação profissional em Serviço Social em tempos de conservadorismo reacionário” de Cristiana Costa Lima e “Ensino a distância no Amazonas: o simulacro da formação profissional em Serviço Social” de Roberta Ferreira Coelho de Andrade e Sandra Alice Aires dos Santos, problematizam questões centrais do contexto ultraneoliberal, conservador e de desfinanciamento do ensino superior que tem impactado nos processos de formação profissional em nível de graduação e pós-graduação.

Em seguida apresentamos o artigo de Andréa Pires Rocha, intitulado “Assistente Social Maria de Lourdes Nascimento: antirracismo e defesa da infância em 1940-1950”, que resgata as contribuições de “uma assistente social que, entre os anos de 1940 e 1950, estava em intensas atividades políticas, artísticas, educativas e antirracistas voltadas à denúncia e à construção de resoluções para os problemas impostos pelo racismo no Brasil” (p.269).

Finalizando a seção temática, dois artigos discutem a experiência e os desafios que se apresentam no exercício profissional de assistentes sociais que atuam nos espaços sócio-ocupacionais sociojurídico e saúde. Juliana Christofoli Panza é autora do ensaio bibliográfico “A instrumentalização profissional de assistentes sociais no depoimento especial” e Paloma Maria Velez de Lima Souza é autora do texto “Potencialidades e desafios para o trabalho profissional no NASF-AB em tempos de Covid-19”.

Logo na sequência, a seção de temas livres destaca inicialmente o artigo “Movimentos populares, políticas públicas e direitos de cidadania no Brasil” de Michelly Ferreira Monteiro Elias, que reflete sobre a atuação dos movimentos populares como sujeitos de políticas públicas durante o neoliberalismo brasileiro, especialmente entre 2003 e 2016. Em seguida, Manuella Aragão Pinheiro desenvolve um debate teórico sobre a expansão dos serviços como estratégia de reprodução do capital no artigo “Trabalho produtivo, trabalho improdutivo e a expansão dos serviços no capitalismo contemporâneo”.

Encerrando a seção de temas livres o artigo “A importância da independência política na luta contra a extrema direita” de Gonzalo Adrian Rojas e Shimenny Ludmilla Araújo Wanderley analisa a luta de classes no Brasil no contexto do governo Bolsonaro, resgatando lições estratégicas para o enfrentamento das políticas golpistas.

Desejamos que a edição nº44 fortaleça o pensamento crítico e contribua para nossa ação organizada no enfrentamento dos desafios que o agravamento das condições de vida, do conservadorismo e reacionarismo da sociedade contemporânea impõem para a formação, a organização, a produção de conhecimento e ao exercício profissional dos(as) assistentes sociais latino-americanos(as).

Por fim, destacamos que o fechamento dessa edição está profundamente marcado pelas homenagens de despedida de Luciana Cantalice em virtude de seu falecimento em 18 de novembro de 2022. Integrante do comitê editorial da *Temporalis* desde o início de 2021, a

elaboração desse número da revista, em especial, contou com o seu protagonismo enquanto pesquisadora comprometida e sistemática, voltada aos grandes temas que perpassam o Serviço Social e a formação e atuação profissionais.

Seu diálogo com a categoria por quase trinta anos possibilitou um conjunto de aprendizados e experiências extremamente diversas, que espelham a multiplicidade de habilidades e competências cultivadas ao longo de toda a sua trajetória, sempre muito carregada de afeto e sensibilidade.

Em sua formação acadêmica, percorreu um longo caminho desde a graduação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) entre os anos de 1995 e 1999, quando abraçou o referencial teórico marxista que irá perpassar todos os âmbitos de sua atuação política e profissional. Concluído o bacharelado em Serviço Social, seguiu para o mestrado em 2000 na mesma instituição. Em 2002, defendeu a dissertação intitulada “As atuais demandas postas ao assistente social: entre as transformações no mundo do trabalho e nas novas expressões da questão social”, sob orientação da professora Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida. Em 2009 desembarcou no Rio de Janeiro para o doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), cidade na qual morou por um ano e meio até retornar para sua cidade natal, João Pessoa, onde concluiu a pesquisa que resultou na tese de doutoramento intitulada: “Incidências pós-modernas na produção do conhecimento em Serviço Social” no ano de 2013, orientada pela prof^a Mônica Alencar Torres. Entre 2017 e 2019 se dividia entre João Pessoa e Natal para fazer o pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Por todos os espaços pelos quais passou, Luciana integrou atividades que proporcionaram momentos coletivos de produção e socialização de um conhecimento marcadamente voltado para fortalecer as lutas da classe trabalhadora e o combate revolucionário às bases estruturais que produzem e reproduzem o capitalismo, o racismo, o patriarcado e a heteronormatividade.

A atuação profissional também sempre esteve atravessada por uma compreensão política da necessidade histórica de construir um cotidiano que abra possibilidades para impulsionar alterações estruturais no capitalismo dependente brasileiro. Logo que se formou, trabalhou na Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DP-PB). Em 2004 assumiu o cargo de professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e estabeleceu uma carreira docente integrada aos debates mais amplos dessa profissão pela qual sempre nutriu uma grande paixão.

A intensidade era uma marca que carregava em tudo o que fazia e com a qual alimentava as tantas atividades nas quais se envolvia. Na universidade, Luciana Cantalice buscou consolidar o tripé ensino-pesquisa-extensão por trilhas que passavam longe de iniciativas mecânicas e burocráticas. Participou de inúmeras atividades envolvendo estudantes e docentes que ultrapassavam os muros da universidade e envolviam movimentos sociais e sujeitos coletivos diversos. Em suas escolhas, sempre esteve muito certa de que, para além de ensinar, muito tinha a aprender. Combater o elitismo e o conservadorismo que encastelam o saber científico foi um dos grandes desafios que tomou para si.

Mas não é apenas nas atividades acadêmicas que seu legado se materializa. Assumiu também postos em espaços de gestão, onde encontrou novos caminhos para adensar o projeto coletivo de universidade pelo qual lutava. Foi vice-coordenadora de graduação entre 2004 e 2006 e chefe de departamento entre 2006 e 2009. Participou também de atividades coletivas e comissões durante o exercício da docência. Além da atuação na graduação e na pós da UFPB, estava vinculada à UFRN como professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, fruto da aproximação construída durante o pós-doutorado. Essas experiências deixaram frutos por meio de várias orientações de naturezas diversas, que vão desde a graduação à pós-graduação, como também publicações em revistas, nos encontros da categoria e em capítulos de livros.

Sua contribuição nas entidades da categoria teve início já no período da graduação, quando compôs a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO), entre 1997 e 1998. Além disso, atuou na ABEPSS como vice-presidenta da região nordeste na gestão *Lutar quando é fácil ceder* (2013-2014) e no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) 13ª Região – Paraíba, na gestão *Avançar sem temer* (2017-2020). No CRESS, sua atuação se deu inicialmente como vice-presidenta, assumindo em 2019 a presidência até o final do mandato. Além disso, desde 2018 integrava a Coordenação Nacional do Grupo de Temático de Pesquisa em Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional, vinculado à ABEPSS. Fruto dessa caminhada foram as articulações em torno de seu nome para assumir a presidência da ABEPSS para a gestão 2023-2024, projeto interrompido pela sua partida prematura. Daí a homenagem feita pela gestão eleita em assembleia realizada na UERJ em 17 de dezembro de 2022 denominada *Em luta, seguimos atentas e fortes: Luciana Cantalice, presente!*

Seu engajamento, traduzido na construção – coletiva e cotidiana – de um projeto de profissão e de universidade, foi ao longo do tempo costurado pela inserção no movimento estudantil, em partidos políticos e no movimento sindical docente. A alegria, a afetividade e a leveza com que participava dos espaços eram parte fundamental do projeto de sociedade que buscava nutrir. Um projeto que ela alimentava materialmente sem perder de vista sua preocupação e o cuidado com a espiritualidade.

E assim, sonhando esse sonho coletivo, ela se forjou não apenas como assistente social ou docente, mas como mãe, amiga, companheira. Amante da música e das artes em geral, adorava festas e tinha paixão por cozinhar. Espalhava afeto, mas não fugia das disputas e dos conflitos, quando necessário. Ao longo da vida, colecionou borboletas que indicavam, em sua pele, o compromisso com a liberdade e a transformação.

Sigamos fortalecendo suas utopias para alçarmos voos leves e altos, como as borboletas.

Luciana Cantalice, presente!

Hoje e sempre!

Referências

- BATISTONI, M. R. O Movimento de Reconceituação no Brasil: o Projeto Profissional da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais (1964-1980). *Revista Em Pauta*, n. 40, v. 15, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/32745>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- BATISTONI, M. R. Aproximações à tradição marxista no projeto da Escola de Serviço Social de Belo Horizonte: problematizações necessárias. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (Orgs.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021.
- CFESS. *Perfil de assistentes sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional*. Brasília: 2022.
- IAMAMOTO, M. V. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/t7jmcDg9vPQG3bhmz3WTPCs/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 5 fev. 2018.
- IAMAMOTO, M. V. Marxismo e Serviço Social: uma aproximação. *Libertas, Juiz de Fora*, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18603> Acesso em: 27 nov. 2019.
- IAMAMOTO, M. V. A formação acadêmico-profissional em Serviço Social: uma experiência em construção na América Latina. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 134, 2019a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/gwppQgcLzrmR8hNgrFyhMZp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 dez. 2022.
- IAMAMOTO, M. V. Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 136 2019b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/RJ3mPJQ8Qk8WJRbLRph8Kz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 mai. 2020.
- IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. Introdução. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (Orgs.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021.
- IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. A História pelo Averso: uma pesquisa internacional “em rede” de pesquisadores/as. *Libertas, Juiz de Fora*, v. 22, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/38033>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- IAMAMOTO, M. V.; RAICHELIS, R.; BRAVO, M. I. A pesquisa científica no Serviço Social latino-americano: gênese e atualidade. In: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. (Orgs.). *A história pelo avesso: a Reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais*. São Paulo: Cortez, 2021.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 36.ed. São Paulo: Cortez, 2012.